

Sinais vitais da Terra em condições críticas

» PALOMA OLIVETO

Em um pronto-socorro, os pacientes que correm risco de morte iminente recebem uma pulseira vermelha. É nesse estágio que se encontra o planeta, segundo um relatório divulgado a pouco menos de duas semanas da 27ª Conferência do Clima sobre Mudanças Climáticas (COP27), no Egito. A publicação, assinada por uma equipe de cientistas globais, destaca que “os sinais vitais da Terra pioraram a ponto de a humanidade enfrentar, inequivocamente, uma emergência climática”.

O relatório *World Scientist's Warning of a Climate Emergency 2022*, divulgado na revista *BioScience*, rastreia 35 sinais vitais do planeta e aponta que, destes, 16 chegaram a extremos recordes. Os indicadores são utilizados pelos cientistas para rastrear as mudanças climáticas e incluem perda da cobertura vegetal, taxa de afinamento das geleiras, aumento da temperatura dos oceanos e alterações no nível do mar. A publicação é divulgada cinco anos depois da segunda edição e após 20 anos da primeira, de 1992. Ao longo desse tempo, mais de 15 mil cientistas contribuíram com os dados que culminaram no diagnóstico da Terra.

Em duas décadas, as emissões de dióxido de carbono aumentaram 40%, com índice registrado, no ano passado, de 418 partes por milhão, um nível jamais alcançado. “Como podemos ver pelos surtos anuais de desastres climáticos, estamos agora no meio de uma grande crise climática, com muito pior por vir se continuarmos fazendo as coisas do jeito que temos feito”, diz Christopher Wolf, pós-doutorando na Faculdade Florestal da Universidade Estadual de Oregon e principal autor do artigo, ao lado do professor William Ripple. “Imploramos aos nossos colegas cientistas que se juntem a nós na defesa de abordagens baseadas em pesquisa

Grupo internacional de cientistas alerta que quase a metade dos indicadores de saúde do planeta está em níveis extremos. Às vésperas da conferência do clima, a COP27, especialistas conclamam pela união de forças para reverter esse cenário

INA FASSBENDER



Usina de carvão: emissão de CO2, um dos principais causadores do efeito estufa, aumentou 40% em duas décadas

para a tomada de decisões climáticas e ambientais.”

Ripple, que esteve à frente das duas publicações anteriores, diz jamais ter visto um cenário tão inquietante. “Estou preocupado, estou alarmado. É importante que as pessoas vejam esses dados. Estamos fazendo negócio como de costume; houve uma interrupção transitória por causa da pandemia de covid-19, mas

Como podemos ver pelos surtos anuais de desastres climáticos, estamos agora no meio de uma grande crise climática, com muito pior por vir se continuarmos fazendo as coisas do jeito que temos feito”

Christopher Wolf, pós-doutorando na Faculdade Florestal da Universidade Estadual de Oregon e principal autor do artigo

voltamos a estabelecer novos recordes.” As consequências, segundo o ecólogo, são bastante claras, como evidência o relatório: nos últimos anos, houve aumento da frequência de eventos de calor extremo, maior perda de cobertura vegetal global devido a incêndios e prevalência elevada do vírus da dengue, transmitido por mosquitos.

Combustíveis fósseis dificultam futuro saudável

A dependência de combustíveis fósseis, os maiores produtores de gases de efeito estufa, que impulsionam as mudanças climáticas, está agravando os impactos à saúde em todo o mundo, segundo um relatório publicado na revista *The Lancet*. “Nosso relatório deste ano revela que estamos em um momento crítico. Vemos como as mudanças climáticas estão causando graves impactos à saúde em todo o mundo, enquanto a persistente dependência global de combustíveis fósseis agrava esses danos em meio a várias crises globais, mantendo as famílias vulneráveis a mercados voláteis de combustíveis fósseis, expostos à pobreza energética e níveis perigosos de ar poluído”, disse, em comunicado, Marina Romanello, diretora executiva da Lancet Countdown, iniciativa de monitoramento da Universidade College London.

O sétimo relatório do grupo traz contribuições de 99 especialistas de 51 instituições, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Meteorológica Mundial (OMM). O trabalho apresenta 43

indicadores que incluem métricas novas e aprimoradas sobre o impacto da temperatura extrema na insegurança alimentar, na poluição do ar doméstico e no alinhamento da indústria de combustíveis fósseis com um futuro saudável. “Com o mundo em turbulência, governos e empresas têm a oportunidade de colocar a saúde no centro de uma resposta alinhada a essas crises simultâneas e proporcionar um futuro saudável e seguro para todos”, disse Romanello.

Os dados do relatório de 2022 sugerem que, em curto prazo, as mudanças climáticas estão afetando todos os pilares da segurança alimentar. O aumento das temperaturas e eventos climáticos extremos ameaçam o rendimento das culturas, reduzindo diretamente o tempo de cultivo de alimentos como milho (9,3 dias), trigo (seis dias) e arroz (1,7). “O calor extremo foi associado a mais 98 milhões de pessoas relatando insegurança alimentar moderada a grave em 103 países em 2020, comparado a 2010. Em média, 29% a mais da área terrestre global foi

AHMAD AL-BASHA



afetada por seca extrema anualmente entre 2012 e 2021, do que entre 1951 e 1960, colocando as pessoas em risco de insegurança hídrica e alimentar”, diz o artigo.

Além disso, a exposição ao calor extremo afeta diretamente a saúde, piorando condições como doenças cardiovasculares e respiratórias e

provocando insolação, interferências adversas na gestação, piora dos padrões de sono, saúde mental precária e aumento da mortalidade relacionada a lesões. Também impacta indiretamente, limitando a capacidade das pessoas de trabalhar e se exercitar, lembram os autores.

Em comparação com o período de 1986 a 2005, crianças menores de 1 ano viveram, coletivamente, 600 milhões de dias a mais de ondas de calor (4,4 dias a mais por criança) entre 2012 e 2021. As mortes relacionadas às altas temperaturas aumentaram 68% entre 2017 e 2021, em

Desafio sistêmico

Apesar dos compromissos nacionais apresentados pelos países signatários do Acordo de Paris — que tenta limitar o aumento da temperatura no fim do século a 1,5°C ou, no máximo, 2°C em relação ao século 19 —, ocorreu o contrário. Segundo os pesquisadores, em 51 países, os subsídios à energia gerada por combustíveis fósseis — maiores emissores de gases de efeito estufa — dobrou de 2020 para 2021 (US\$ 362,4 bilhões para US\$ 697,2 bilhões) e devem aumentar ainda mais em 2022, especialmente devido à guerra na Ucrânia.

“A mudança climática não é uma questão isolada”, disse, em nota, Saleemul Huq, da Universidade Independente Bangladesh e coautor do estudo. “É parte de um problema sistêmico maior, onde a demanda humana está excedendo a capacidade regenerativa da biosfera. Para evitar mais sofrimento humano incalculável, precisamos proteger a natureza, eliminar a maioria das emissões de combustíveis fósseis e apoiar adaptações climáticas socialmente justas, com foco em áreas de baixa renda que são mais vulneráveis.”

“A medida que as temperaturas da Terra estão subindo, a frequência ou a magnitude de alguns tipos de desastres climáticos podem realmente estar aumentando”, acrescentou Thomas Newsome, da Universidade de Sydney, na Austrália. A Aliança Mundial de Cientistas, um coletivo com mais de 14 mil pesquisadores de 158 países, e do qual os autores do relatório fazem parte, tem um artigo sobre sustentabilidade, aberto para co-signatários. “Pedimos aos nossos colegas cientistas de todo o mundo que se manifestem sobre as mudanças climáticas”, disse Newsome.

Escassez de água no Iêmen: temperaturas extremas afetam pilares da segurança alimentar

comparação com 2000 a 2004. Já a exposição humana a dias com risco muito alto de incêndio elevou em 61% dos países de 2001–2004 a 2018–2021.

Infecções

A mudança climática também está afetando a propagação de doenças infecciosas. O período de tempo adequado para a transmissão da malária aumentou 32,1% nas áreas montanhosas das Américas e 14,9%, na África em 2012–2021, em comparação com 1951–1960. A influência do clima no risco de transmissão da dengue cresceu 12% globalmente, no mesmo período.

“A saúde humana, os meios de subsistência, os orçamentos domésticos e as economias nacionais estão sendo atacados à medida que o vício em combustíveis fósseis fica fora de controle. A ciência é clara: investimentos maciços e de bom senso garantirão uma vida mais saudável e segura para as pessoas em todos os países”, disse, em nota, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. (PO)